

O RATIO STUDIORUM E SEUS PROCESSOS PEDAGÓGICOS

TOYSHIMA, Ana Maria da Silva (UEM)

COSTA, Célio Juvenal (UEM)

Agência financiadora: CAPES

INTRODUÇÃO

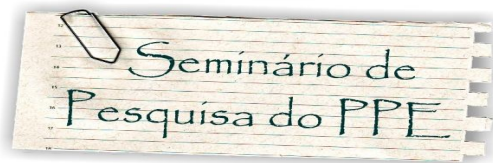
Neste trabalho são realizadas algumas considerações (sistema educacional, procedimentos pedagógicos) acerca do Código Pedagógico dos Jesuítas, o *Ratio Studiorum*, com o intuito de conhecer a educação no interior dos colégios da Companhia de Jesus. A importância de tal estudo reside no fato de julgarmos essencial a compreensão do plano de estudos da Ordem, para entender o modo de se pensar e agir nos Colégios.

Iniciamos com uma breve contextualização da origem deste Método Pedagógico que remontam as Constituições da Companhia de Jesus, elaborado por Inácio de Loyola e colocado em vigor em 1552.

A sua IV parte, dedicada à educação, traz as linhas mestras da organização didática e o espírito da atividade pedagógica da Ordem. De acordo com Franca (1952) esta parte das Constituições registrava apenas a orientação geral, sendo necessária a elaboração e a sistematização de um plano de estudos específico para nortear as atividades de cunho pedagógico nos colégios da Companhia, ou seja, era imprescindível um Método de Estudos, daí o *Ratio Studiorum*.

Em 1551 foi dado o primeiro passo em direção ao documento que guiaria a ação administrativa e educativa dentro dos colégios jesuíticos, quando Jerônimo Nadal, a pedido do Geral Loiola, recolheu informações a respeito dos colégios, principalmente o de Messina¹, e, a partir das observações, elaborou o primeiro regulamento que foi

¹ Primeiro Colégio de jesuítas criado em Messina, na Sicília, em 1548, a pedido do vice-rei, D. Juan de Veiga, sob direção de Nadal. Foi nesse colégio que, pela primeira vez, os jesuítas aplicaram um plano de estudos que, posteriormente, viria a ser adotado nos demais colégios da Ordem. O método utilizado no colégio de Messina foi o *modus parisiensis*.



enviado aos colégios. Neste mesmo ano foi fundado também o Colégio Romano² que se tornou o principal da Companhia. O Colégio Romano teve entre os anos de 1564 a 1566 como Reitor justamente o padre Nadal que, acumulando mais essa experiência, elaborou um novo plano posto em execução durante o seu reitorado, o *Ordo Studiorum*.

No entanto, é em 1584 que os dirigentes da Companhia por meio de seu Geral Acquaviva, decidem realizar um plano de estudo visando à uniformização dos colégios e universidades dos futuros jesuítas e dos alunos externos. Nove meses depois o trabalho estava concluído e foi submetido a uma comissão de professores do Colégio Romano.

Em 1591, uma nova comissão, composta por três dos seis integrantes da comissão de 1585, Tucci, Azor e Gonzalez, recebeu e analisou o conteúdo dos relatórios. Após críticas e sugestões de melhorias vem à luz a segunda versão, colocada em prática em caráter experimental por três anos e, ao findar o prazo de experiência, os resultados deveriam ser enviados a Roma para a promulgação final.

Uma última comissão se reuniu em 1598 para verificar os novos pareceres e, em janeiro de 1599, foi aprovada e publicada a versão definitiva do *Ratio atque Institutio Studiorum*, para vigorar em todos os colégios da Companhia de Jesus.

Como afirma Franca (1592), o código de leis que passava a orientar a atividade pedagógica dos colégios jesuíticos representava os resultados de uma experiência, não de um homem ou de um grupo fechado e sim de uma experiência comum.

O RATIO STUDIORUM

Ao iniciarmos a discussão referente aos aspectos gerais do Plano de Estudo da Companhia de Jesus, enfatizamos a importância dos estudos acerca dessa temática. Entendemos a partir de nossas pesquisas que a análise do *Ratio Studiorum* é fundamental para compreensão das características da educação jesuítica, sobretudo a

² O Colégio Romano foi fundado em 1551 e tornou-se referência para toda Ordem. O método de ensino utilizado foi o *modus parisiensis*, caracterizado pela distribuição de alunos em classes, realização pelos alunos de exercícios escolares e mecanismo de incentivo ao trabalho escolar. A organização da classe dava-se por um grupo de alunos mais ou menos da mesma idade e com o mesmo grau de instrução. O conhecimento era proporcional ao nível do aluno e cada classe era regida por um professor.



organização e funcionamento dos colégios fundados pela Sociedade de Jesus. O código representado pelo *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu* caracteriza-se como um manual prático que preconiza métodos de ensino e orienta o professor na organização de sua aula.

O manual contém 467 regras, cobrindo todas as atividades dos agentes envolvidos ao ensino. Iniciava pelas regras do provincial, depois do reitor, do prefeito de estudos, dos professores de um modo geral, de cada matéria de ensino, incluía também, às regras da prova escrita, da distribuição de prêmios, do debel, dos alunos e por fim as regras das diversas academias. Além das regras e das normas, o *Ratio* apresenta os níveis de ensino (Humanidades, Filosofia e Teologia) e as disciplinas que os alunos deveriam cumprir.

O Plano Pedagógico começava com o curso de humanidades, denominado no *Ratio*, de estudos inferiores. A formação prosseguia com os estudos filosofia e teologia, designado de estudos superiores. A seguir a organização curricular do *Ratio Studiorum*.

I - Currículo Teológico - 4 anos

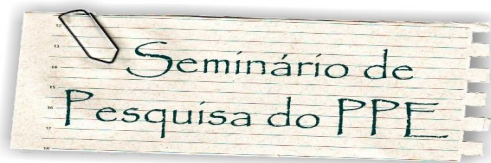
- Teologia Escolástica. 4 anos; dois professores, cada qual com 4 horas por semana.
- Teologia Moral. 2 anos; dois professores com aulas diárias ou um professor com duas horas por dia.
- Sagrada Escritura. 2 anos com aulas diárias.
- Hebreu. 1 ano, com duas horas por semana.

II- Currículo Filosófico - 3 anos

- 1º ano – Lógica e introdução às ciências; um professor; 2 horas por dia.
- 2º ano – Cosmologia, Psicologia, Física - 2 horas por dia, Matemática – 1 hora por dia.
- 3º ano – Psicologia, Metafísica, Filosofia moral – dois professores. 2 horas por dia.

III – Currículo Humanista - 3 anos

- Retórica



- Humanidades
- Gramática Superior
- Gramática Média
- Gramática Inferior

Conforme apresenta Franca:

Estas classes são caracterizadas por graus, ou estágios de progresso. Representam menos uma unidade de tempo (1 ano) do que uma determinada soma de conhecimento adquiridos. Só podia ser promovido à classe superior, o aluno que os houvesse assimilado integralmente. Por isso, na prática, o currículo dilatava-se muitas vezes por 6 e 7 anos; a última classe de gramática e às vezes a penúltima desdobravam em duas outras, A e B, ou ínfima gramática *primi ordinis* e ínfima gramática *secundi ordinis* (1952, p. 28).

No que diz respeito à hora/aula, o *Ratio* supõe 5 horas por dia de estudos, sendo duas e meia pela manhã e as demais no período da tarde. O tempo era minuciosamente distribuído entre o grego e o latim, a prosa e a poesia, e os diversos exercícios escolares, preleção, lição, composição, desafio etc. A ordem dos estudos poderia ser alterada de acordo com os costumes locais.

SISTEMA EDUCACIONAL: HUMANIDADES, FILOSOFIA E TEOLOGIA

CURSO DE LETRAS OU LÍNGUAS

O latim era o centro do curso literário e com ele se ensinava o grego, a língua pátria, a história, mas “entender os autores clássicos, falar corretamente o latim escrevê-lo com elegância e primor ciceroniano era o alvo principal a que se dirigia o empenho do mestre e os esforços do discípulo” (RODRIGUES, 1917, p. 42- 43).

Uso do Latim. – Zele com diligência para que se conserve em casa o uso do latim entre os escolásticos; desta regra de falar latim não haja dispensa, exceto nos dias de feriados e nas horas de recreio, a menos que, em algumas regiões, não pareça ao provincial que, ainda nessas ocasiões, se pode conservar com facilidade o uso de falar latim. Procure também que os nossos escolásticos, que ainda não terminaram os estudos, quando escreverem cartas aos nossos escrevam em latim. Além disto, duas ou três vezes no ano, quando se festeja alguma solenidade, como o começo do ano letivo ou a renovação dos votos, os nossos estudantes de filosofia e teologia componham e exponham em público alguns versos (RATIO, 1952, p. 80).

Franca (1952) expõe que o curso iniciava pela gramática latina e subia pelos três degraus da gramática ínfima, média e suprema, passando, posteriormente, para a classe de humanidades e, por fim, para a retórica.

Na classe ínfima de gramática aprendiam-se os elementos da Arte e os princípios da língua grega; para as preleções eram escolhidas as cartas mais simples de Cícero.

Na classe média aprendia-se toda a gramática em busca de um conhecimento geral, no grego avançava-se até os verbos e explicavam-se as cartas familiares de Cícero.

Por fim, na classe suprema procurava-se obter notícias completas dos preceitos e elegância da gramática latina. No grego estudavam-se as regras gramaticais e avançava nos estudos de Cícero.

A classe de retórica buscava formar perfeitos oradores e familiarizar os alunos na arte da poesia, os mestres apresentavam os preceitos de Cícero e Aristóteles.

Os discursos de Cícero ocupavam primeiro plano, tendo em vista o aperfeiçoamento do estilo, mas também se estudava a obra de Quintiliano e de Aristóteles (Retórica e Poética) e a obra de alguns historiadores, tendo em vista a erudição, também própria do programa desta classe (MIRANDA, 2009. p. 30).

Para ampliar a formação literária do aluno o *Ratio* apresentava uma variedade imensa de conhecimentos, como “a chronologia, a historia, a geographia, os usos e costumes das gentes, a noticia biographica e literaria dos auctores, noções de literatura, mytologia e technologia [...]” (RODRIGUES, 1917, p. 45-46). Como adverte o *Ratio* de 1586 a língua do povo era instrumento indispensável para o ministério do sacerdócio e ensino.

CURSO DE FILOSOFIA

O curso completo de filosofia tinha duração de três anos com duas horas diárias de lição, o estudo contemplava a matemática, as ciências naturais e o estudo da meteorologia. No entanto, em Coimbra e Évora se estendia até ao quarto ano, em que se preparavam os discípulos para o exame público. Miranda (2009, p. 32) apresenta que:

O primeiro ano era consagrado à *lógica* e previa o estudo de livros como *Da Interpretação*, *Primeiros Analíticos*, *Tópicos e Refutações Sofísticas*, incluindo desde logo algumas partes da *Física* e *Da Alma*. No segundo ano, o corpus aristotélico englobava os oito livros da *Física* e ainda *Do Céu*, *Da Geração* e *Corrupção* e *Meteorológico*. No

terceiro ano, acabava-se os estudos dos livros *Da Geração*, *Da Alma* e iniciava-se o estudo da *Metafísica*.

No que se refere ao estudo da filosofia Miranda (2009) divulga que Portugal trouxe contribuições notáveis com a obra de Pedro da Fonseca, considerado o Aristóteles português, e principalmente com o chamado *curso conimbricense*³, que abriu novos horizontes à filosofia.

CURSO DE TEOLOGIA

Os cursos de Letras, Filosofia e Ciências Naturais preparavam para o estudo da Teologia. Rodrigues (1917) observa que se a Companhia não formar bons historiadores, astrônomos, físicos, pode até encontrar desculpa, “mas se não apresentar bons teólogos, não cumpriu a sua missão de ensinar”. Pois em uma sociedade extremamente religiosa a teologia é o principal caminho é a ciência de Deus. Os jesuítas seguem os dogmas teológicos e filosóficos de S. Tomás de Aquino por ser a mais sólida e segura.

O curso de Teologia tinha a duração de quatro anos, porém, aqueles que possuem aptidão para o estudo deveriam permanecer por mais dois anos para aprofundar os conhecimentos adquiridos e assim alcançarem a mais vasta erudição.

Miranda (2009, p. 33-34), no livro *Código pedagógico dos Jesuítas*, traz que as aulas ocupavam seis dias semanais nos quais o *Ratio* previa horários para as lições de cada classe, disciplina, exercícios e também para o estudo pessoal, deixando sempre acessível à adequação aos costumes locais.

Quanto ao sábado, domingo e dias festivos a autora destaca que também havia um horário próprio para o estudo, preenchido por disputas ou por repetições, discursos, declamações de poesias e até mesmo preleções.

PROCEDIMENTOS PEDAGÓGICOS DO RATIO STUDIORUM

A metodologia é a parte mais desenvolvida do *Ratio Studiorum*, compreendendo tanto os processos didáticos utilizados para a transmissão, quanto os estímulos pedagógicos, “a intenção que nos ditou foi não só de orientar os professores novos

³ Conforme Miranda (2009, p. 33) o *curso conimbricense* constitui em importantes expressões do ambiente de Humanismo que então se vivia na cidade de Coimbra e no Colégio das Artes. Numa opção pelo tomismo, os mestres conimbricenses criavam uma escola de filosofia, com tradução, comentários e transmissão da obra aristotélica, de método breve e claro. O *curso conimbricense* reflete o método estabelecido no *Ratio*.

como de unificar o sistema de ensino e a tradição da Ordem” (FRANCA, 1952, p. 34). Não ocorreu uma padronização rígida do processo de trabalho, pois a variedade de métodos propostos dava uma ampla liberdade de escolha que poderia ser adaptada a diversos dons e à variedade de circunstâncias.

Franca também afirma que ao mestre se confere largos poderes de iniciativa, podendo ele fazer uso dos métodos preestabelecidos ou apropriar-se de novos, conforme o autor (1952, p. 34) “norma e liberdade, tradição e progresso balançam-se em justo equilíbrio”.

A preleção é o ponto chave do sistema didático do *Ratio*. Como o próprio nome indica é uma lição antecipada, isto é, uma explicação do que o aluno deverá estudar, cujo método e aplicações variam de acordo com o nível intelectual dos estudantes.

Nas classes elementares de gramática, por exemplo, após a leitura e o resumo do texto, o professor explica, resolve as dificuldades relativas ao vocabulário, à propriedade dos termos, o sentido das metáforas, a gramática e a conexão das palavras. “Preleção de gramática. – A lição de gramática, restringe-se, no máximo, a uma regra e antes de estar bem aprendida, não se passe à seguinte” (RATIO, 1952, p. 140). Na medida em que a classe se aproxima da retórica começam as questões relativas à sintaxe, ao estilo e à arte de composição.

A preleção, na sua finalidade, é menos informativa do que formativa; não visa comunicar fatos, mas desenvolver e ativar o espírito. Com uma compreensão viva, o aluno vai exercitando, não tanto a memória, mas também e principalmente a imaginação, o juízo e a razão. Observa, analisa palavras, períodos, parágrafos; resume passagens, compara; critica; adquire hábitos de estudo ; desenvolve o desejo de ulteriores investigações para formação do critério de uma apreciação pessoal (FRANCA, 1952, p. 35).

A preleção de Cícero obedecia ao seguinte método: primeiro lia-se seguidamente todo o trecho e depois em vernáculo indicava-se o sentido. Posteriormente traduzia-se o período no idioma pátrio. Em terceiro lugar indicava-se a estrutura, as regras gramaticais, as metáforas com exemplos acessíveis. Em quarto lugar percorria-se novamente o trecho do autor em vernáculo (RATIO, 1952, p. 139).

Anteriormente à preleção sempre se recitava de cor um trecho latino em prosa ou verso. Além da lição de cor, que antecede a preleção da retórica e de comentários de

autores, existiam outros exercícios escolares: colheita de frases de bons autores, versão e retroversão, ditado do tema da composição, redação de inscrições, epigramas etc.

Passamos assim dos processos didáticos aos estímulos pedagógicos utilizados nos colégios da Companhia para incentivar a atividade dos alunos. Faz-se necessário destacar que “os jesuítas não eram amigos dos castigos corporais. Não os suprimiram de todo, mas alistaram-se decididamente entre os que mais contribuíram para suavizar a disciplina” (FRANCA, 1952, p. 37). Nesse sentido, as próprias Constituições da Companhia já estabelecem que “na medida do possível a todos se trate com o espírito de brandura, de paz e de caridade”, princípio que foi conservado pelo *Ratio*.

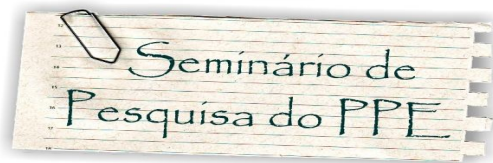
Os castigos físicos eram aplicados em casos mais graves, quando as boas palavras e exortações não fossem suficientes. Como afirma Rodrigues (1917, p.31) “não é porêem muitas vezes sufficiente a reprehensão de palavras; torna-se necessario o castigo corporal”. Entretanto, podemos afirmar que o persuasivo exprimia a norma e a prática dos colégios da Companhia.

Contudo, se fosse necessário fazer uso dos castigos físicos era chamado um corretor⁴ para aplicar a palmatória, cujos golpes não poderiam passar de seis, nunca no rosto ou na cabeça, assim como, nunca em lugar solitário, mas sempre na presença de pelo menos duas testemunhas. Franca (1952) aponta que não se tinha em vista ferir ou humilhar o aluno e sim lhe causar uma pequena dor física que na primeira idade era um meio eficiente de disciplinar.

As premiações eram outro incentivo. Diante de grandes autoridades eclesiásticas e civis, e também, na presença de familiares eram realizados eventos solenes para a distribuição dos prêmios aos alunos merecedores. O *Ratio* prescrevia normas para as premiações (números de prêmios, julgamento do concurso, realização do evento, e distribuição). Para o número de prêmios estava previsto:

Para a classe de Retórica haverá oito prêmios: dois para a prova latina, dois para poesia; dois para prosa grega e outros tantos para poesia. Para a classe de humanidades e a primeira classe de Gramática haverá seis prêmios, na mesma ordem, omitindo-se a poesia grega que, de regra, não ocorre abaixo da Retórica. Para todas as outras classes inferiores, quatro prêmios, omitindo-se também a poesia latina. Além disso, dê-se também, em todas as classes, um prêmio ao aluno ou aos

⁴ Corretor - homem sério e moderado, de fora da Companhia, que punia de acordo com as instruções recebidas do Prefeito de Estudos.



dois alunos que melhor houverem aprendido a doutrina cristã. Conforme o número, grande ou pequeno dos estudantes, poderão distribuir-se mais ou menos prêmios, contanto que se considere sempre mais importante o de prosa latina (RATIO, 1952, p. 114).

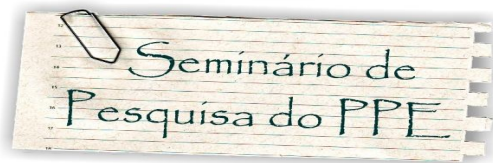
Quanto ao julgamento, para a escolha do vencedor deverá ser nomeado o que escreveu com melhor estilo, e se obtiver empate em qualidade e estilo escolhe o que escreveu mais; se ainda assim houver empate será escolhido o que apresentar melhor ortografia, caligrafia, se em tudo forem iguais, os prêmios poderão ser divididos, multiplicados ou tirados em sorte (RATIO, 1952, p. 115).

O teatro também era um incentivo poderoso utilizado pelos jesuítas, o qual desenvolvia todas as faculdades e aptidões dos discípulos. Conforme Rodrigues (1917, p.82) “os jesuítas consideravam o *theatro* uma verdadeira instituição e a *scena* uma continuação da aula, da *capella*... o verdadeiro, o bello e o bom era o que elles se propunham fazer amar, misturando, já se vê, o util com o agradável”. O teatro escolar era variado, desde o simples diálogo, até as tragédias, a comédia, o drama litúrgico e representações de mistérios da fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando a trajetória do *Ratio Studiorum*, cujo passo inicial se deu em 1551, quando Jerônimo Nadal sistematizou o plano de estudos a partir de sua experiência no Colégio Romano, até a sua aprovação definitiva em 1599, para, então, vigorar nos colégios da Companhia de Jesus, verifica-se que o referido documento é filho da experiência e de árduo trabalho coletivo. Em sua elaboração recebeu contribuições da sabedoria antiga, do cristianismo, da Idade Média (Escolástica) e do Renascimento.

Este manual prático discorre sobre os papéis de todos os envolvidos no colégio: Reitor, Prefeito de Estudos, professores, disciplinadores e os estudantes. Discorre, também, sobre os níveis de ensino (Humanidades, Filosofia e Teologia) e sobre as matérias/disciplinas que os alunos deveriam cumprir. As atividades e filosofia de ensino que não se relacionam diretamente ao conteúdo também são descritas no *Ratio*, como, por exemplo, as competições entre alunos, entre classes e entre fraternidades, a disciplina, as orações e o preparo técnico para o sacerdócio.



Como vimos inúmeras características marcaram a pedagogia jesuítica. Convém evidenciar, portanto, que a educação foi um fator bem cultivado e administrado pelos jesuítas e que suas normas e determinações eram cuidadosamente seguidas e respeitadas. Outro aspecto a ser destacado é que a Companhia de Jesus era uma sociedade estritamente religiosa e a pedagogia utilizada baseava-se no evangelho de Jesus Cristo e, dessa maneira, os colégios jesuíticos formavam homens de caráter predominantemente católicos, membro digno da família, útil a sociedade e capaz de atender a Deus.

REFERÊNCIAS

COSTA, Célio Juvenal. **A racionalidade jesuítica em tempos de arredondamento do mundo: o Império Português (1540-1599)**. Tese de doutoramento. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2004.

FRANCA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas**. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Lisboa: Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938-1950.

RATIO atque Institutio STUDIORUM – Organização e plano de estudos da Companhia de Jesus. In: FRANCA, Leonel, **O método pedagógico dos jesuítas**. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

RODRIGUES, Francisco. **A Companhia de Jesus em Portugal e nas missões – esboço histórico, superiores, colégios, 1540-1934**. Segunda Edição, Porto: Apostolado da Imprensa, 1935.

RODRIGUES, Francisco. **A formação intelectual do jesuíta – leis e factos**. Porto: Magalhães & Moniz, 1917.